

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 370/2016

RIO 2016

Gosto especialmente de falar sobre o Rio de Janeiro.

É a minha cidade e a minha devoção: todos os meus livros contam histórias passadas no Rio, falam de gente do Rio.

O Rio forjou a civilização brasileira. Tem na essência do seu povo a filosofia mais humanística e avançada do planeta. Domenico de Masi captou bem.

E sobre o Rio se pode falar hoje com tranqüilidade em tom otimista. Vamos.

No fim de semana que passou fiz um novo e belo passeio. Novo porque antes não era um passeio, era uma passagem tumultuada e fuliginosa, sem nenhuma beleza. Belo porque se transformou num dos pontos mais atraentes e agradáveis para se passear na Cidade. Refiro-me à velha e nova Praça Mauá: um quadrilátero urbano, bem central, que isolou o poluente trânsito de automóveis e virou uma ampla praça do povo pedestre, com jóias arquitetônicas nos seus quatro lados e a coluna no meio, sustentando, de pé, de frente para a Baía, a figura altaneira do patrono, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá.

Olhando para a esquerda, Mauá vê o belo prédio cor de rosa do século dezenove que abrigou o Departamento de Portos, onde meu pai trabalhou como jovem engenheiro e, ao lado dele, a construção nova, agradável, do Museu de Arte do Rio recém-instalado, cheio de gente interessada.

Prosseguindo no giro para a esquerda, Mauá olha para trás e tem a visão imponente de um dos prédios mais destacados do Rio, da primeira metade do século vinte, o mais alto da cidade e da América Latina durante décadas, o Edifício d'A Noite, seus 22 andares e seus elevadores grandes e velozes, que abrigou, além do vespertino do seu nome, a mais famosa, ouvida e querida emissora do Brasil, a Rádio Nacional, a grande Rádio Nacional dos anos quarenta e cinquenta, que lançava no ar as ondas que o Brasil inteiro escutava, as novelas e as vozes de Francisco Alves, Silvio Caldas, Orlando Silva, Emilinha Borba, Marlene. Está lá, o impávido colosso, pedindo só uma merecida e caprichada restauração. Curiosidade, lá também trabalhou meu pai, na meia idade, como diretor geral do grande DNER que rasgou as principais estradas do Brasil.

Continuando, na mesma direção, o giro do olhar no alto da sua coluna, Mauá aprecia, naquele terceiro lado do quadrilátero, o belo edifício da segunda metade do século vinte, o Rio Branco número um, com suas modernas salas de negócio e seu restaurante de qualidade. Ao lado, as construções antigas do Arsenal de Marinha que não destoam do conjunto.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 370/2016

Finalmente, completando o giro, nosso grande empresário volta-se para frente e contempla o futuro que entra pelo mar do mundo, o futuro amplo e livre dos automóveis que cortavam a visão, engarrafados na cinzenta estrada elevada que desapareceu. Vê agora, suspenso sobre as águas, o magnífico Museu do Amanhã, no claro projeto arrojado e feliz do arquiteto espanhol. E um pouco mais ao lado, à esquerda, o cais dos turistas, com imponentes navios de cruzeiro atracados, grandes hotéis de luxo flutuantes, estruturas também do novo milênio.

Mauá olha então para baixo e sorri para o povo que caminha em paz, em lazer, em folguedo, em contemplação, bebês em carrinho, meninos em patinetes, jovens em skates, senhoras em cadeiras de roda, e a gente comum toda passeando em ar de felicidade.

A Praça Mauá, reabilitada, servida pelas duas avenidas de grandes nomes brasileiros, que serão também, em breve, as mais belas da Cidade: a Rio Branco, que vem lá do outro lado do mar, com seus canteiros ajardinados, sem automóveis, com seu bonde moderno e sua gente a pé, e a Rodrigues Alves, inteiramente renovada, embelezada, despoluída, cultural e gastronômica, novo marco na Cidade. O mundo virá olhar as belezas do Rio, com maior interesse ainda, pelo recorte único das suas montanhas, pela grandeza dos seus monumentos, pela beleza dos seus traços urbanísticos e arquitetônicos, pela emoção da sua música e da sua dança, e pela sabedoria única do seu povo.

O Prefeito Eduardo Paes sairá com justos aplausos, reconhecido pela História como um dos grandes reformadores do Rio de Janeiro. Só precisa apagar do seu curriculum uma indicação infeliz para a sua sucessão, a de um jovem musculoso e descontrolado que arrancou um dente da esposa com um bofetão (!)

Presidirá, ainda, antes de sair, a realização dos Jogos Olímpicos, um evento cuja grandeza será medida apenas por outros três ou quatro da História da Cidade: a chegada da Corte em 1808, a festa da Abolição em 1888, a chegada de Getúlio Vargas em 1930 para implantar o Estado Republicano no País.

O Rio ainda é a alma e o coração do Brasil. E aqui dá para cultivar otimismo em 2016 com mais força de convicção.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br